

A economia ainda é garantia de alta popularidade?

Apesar da melhora de índices como inflação e desemprego, aprovação da gestão Lula caiu; fenômeno se repete nos EUA. Especialistas apontam polarização como principal fator, mas também descompasso entre dados e a percepção da população



CAIO SARTORI
pulso@oglobo.com.br

A inflação está controlada, o desemprego registra o menor patamar desde 2014 e o Produto Interno Bruto (PIB) cresce acima do previsto pelo mercado. A popularidade do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), por outro lado, cai. Desde que o estrategista americano James Carville cunhou a frase "É a economia, estúpido!" na campanha presidencial de Bill Clinton, em 1992, a ideia virou uma mantra político. Hoje, dentro e fora do Brasil, a máxima começa a ser colocada em xeque, apesar de a economia ainda desempenhar papel fundamental.

Diante de um cenário de polarização consolidada, avaliam cientistas políticos e diretores de institutos de pesquisa, valores morais e a pauta identitária se juntam à seara econômica no rol de temas que forjam a opinião pública. Em linhas gerais, é como se o pensamento de Carville passasse por uma adaptação: a economia ainda importa, estúpido, mas só ela não basta.

— Não é mais suficiente apenas a economia para gerar resultados políticos. É preciso disputar narrativas, compreender a guerra cultural num mundo de redes sociais e formação de bolhas — avalia o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest Consultoria e Pesquisas e autor, junto com o jornalista Thomas Trautmann, do livro "Biografia do Abismo", que analisa a polarização na sociedade brasileira.

NOVA LÓGICA

Essa nova lógica, afirma Nunes, evidencia uma opinião pública "calcificada", palavra escolhida no livro para ilustrar como a sociedade está dividida, com cada lado convicto do que acredita e fechado a ouvir o outro. — A sociedade brasileira sempre foi conservadora, e continua sendo. Um governo de esquerda, então, tem desafios — aponta o diretor da Quaest, que também é professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). — Quando o debate era só econômico, conseguia superar pelas entregas voltadas para o bem-estar social. Quando isso deixa de ser o único determinante e entra a pauta de valores, o governo tem que debater temas não necessariamente favoráveis a ele na opinião



Fatores. Pesquisas apontam queda na aprovação de governo Lula; cientistas políticos apontam o peso do debate sobre valores morais e pauta identitária

ão pública, como o aborto. Nas pesquisas da Quaest, o governo Lula passou de 40% de avaliação positiva em fevereiro de 2023 para 35% no mesmo mês deste ano; a negativa saltou de 20% para 34%. Nos levantamentos do Ipec, queda de 41% para 33% no índice de "ótimo ou bom" e crescimento de 24% para 32% no de "ruim ou péssimo", quando comparados os meses de março de um ano para outro.

Os indicadores econômicos, por sua vez, têm registrado inflação abaixo de 5% na comparação com os 12

meses anteriores, taxa de desocupação em 7,4% e um PIB que cresceu 2,9% no ano passado, na contramão das expectativas de menos de 1% divulgadas pelo mercado no início do governo.

Outra interpretação para o descompasso versa sobre nuances da melhora da economia, destacam os especialistas. O PIB do ano passado, por exemplo, teve desempenhos melhores nos dois primeiros trimestres, quando a avaliação do governo também estava superior. Pesa ainda a demora para dados econômicos despontarem como algo palpável para a po-

pulação, analisa a CEO do Ipec, Márcia Cavallari.

— Uma coisa são os indicadores oficiais, outra é a percepção da opinião pública. A percepção às vezes demora a chegar — diz. — A economia pode estar melhorando, mas talvez a população ainda não tenha sentido isso no bolso. Até porque, quando vemos os segmentos em que Lula mais caiu, destaca-se o de renda mais baixa.

Adepto dessa leitura, o governo fez na última quinta-feira uma reunião em que o presidente reuniu ministros para discutir como reduzir os

preços dos alimentos.

Cavallari, no entanto, também enfatiza que as outras pautas de fora da alçada econômica têm recebido mais atenção no Brasil e no mundo: — Essa questão de pautas mais conservadoras também pega, está ficando mais forte nos últimos tempos. O que determina a aprovação é um misto de economia, segurança, pauta de costumes.

Um dado inédito das pesquisas Quaest, compartilhado agora com o GLOBO, dá sustentação à leitura do governo, apesar de os especialistas acreditarem que isso por si só não é o suficiente.

Em dezembro do ano passado, 47% dos entrevistados acreditavam que o poder de compra do brasileiro era "menor do que antes". No levantamento de fevereiro, o percentual saltou para 65%.

Na outra ponta, 33% avaliavam em dezembro que o poder de compra era maior; agora, apenas 20% pensam assim. Os números ilustram como indicadores positivos na economia nem sempre se convertem a curto prazo em impacto real para a população.

MOBILIZAÇÃO DA OPINIÃO

Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o cientista político Josué Medeiros enxerga uma oposição distinta daquela a que os governos anteriores de Lula estavam acostumados, o que configura um desafio. O bolsonarismo, diz, retomou o poder de mobilização perdido nos meses seguintes ao 8 de janeiro. Uma vez recuperada a capacidade de articulação, voltou a navegar por águas que lhes são convenientes, sobretudo na pauta de valores.

— As frases de Lula sobre Israel até servem de munição, mas de forma isolada não tem nada nas pesquisas que mostre diretamente que elas fizeram cair a popularidade. Mas há além delas um conjunto de fatores, como as fake news sobre Marajó, a nota técnica do Ministério da Saúde sobre aborto, debate sobre inflação. Precisamos sair de típicos isolados e ver o processo — afirma o coordenador do Observatório Político e Eleitoral (Opel) do Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira (Nudeb).

A lógica de que políticas públicas vão naturalmente se converter em melhoria na popularidade, aponta Medeiros, não se sustenta mais. E o bolsonarismo disputa de forma mais eficiente as narrativas na base da sociedade.

— Quando retomam a capacidade de pautar a oposição e de se mobilizar, isso não encontra resposta do governo. Política é esporte de contato, só tem um lado que está dando carinho, indo para a divisão, disputando a jogada.

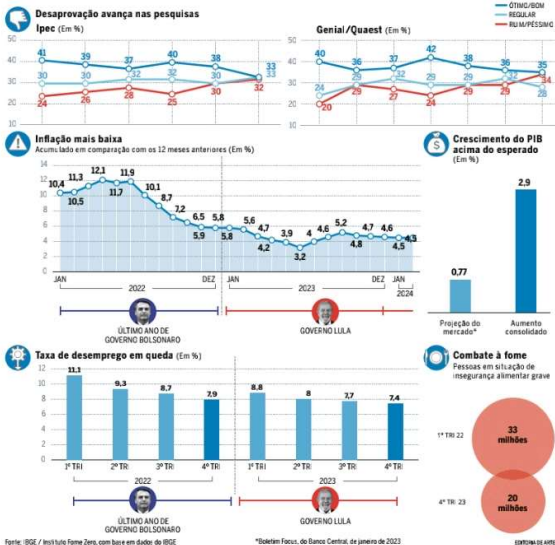
Márcia Cavallari ressalta que a existência de uma oposição dura é algo com que o governo precisa aprender a lidar.

— Fizemos a pergunta sobre a dificuldade com o Congresso, por ter uma oposição mais ferrenha, e a percepção das pessoas é de que vai ser mais difícil governar. O governo vai ter que lidar com isso para cumprir o que prometeu, atender expectativas, colher resultados — observa a CEO do Ipec.

Nos Estados Unidos, onde o presidente Joe Biden tentará a reeleição em novembro, o cenário é parecido. O governo do democrata reduziu a inflação do patamar de 9,1%, raro na história americana, para 3,1% em pouco mais de um ano. O desemprego também está abaixo de 4%. Mesmo assim, a candidatura do republicano Donald Trump, afeita às pautas da extrema direita global, tem chances reais de sair vencedora.

POPULARIDADE X INDICADORES ECONÔMICOS

Governo Lula tem piora de avaliação, enquanto país tem melhora de cenário na economia



Biden, Presidente dos EUA, para por processo semelhante